

ANÁLISE DE TATUAGENS: ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM PIRIGUETES NO RECIFE

Analysis of Tattoos: Study About Identity Construction of Piriguetes in Recife

Barros, Simone; Dra; Universidade Federal de Pernambuco,
simonegbarros@gmail.com¹

Resumo

Neste trabalho, apresentamos os resultados de um modelo de análise, baseado no Design, que permite verificar como as tatuagens utilizadas pelas piriguetes da cidade de Recife, Pernambuco, garantem, por um lado, identidade com o grupo a que pertencem, como proposto por Maffesoli, sem perder, no entanto, sua própria identidade, como defende Lipovetsky.

Palavras Chave: Tatuagem; Design; Identidade; Cultura; Piriguite

Abstract

This article aims to bring the discussion about body as a support for contemporary art. First at all, we presenting the diversity of human experiences with body expressions. Then we discuss the conceptual art as contemporary movement. We closed the article by integrating the conceptual art movement to artistic expressions in the body as the current trend.

Keywords: *Tattoo; Design; Identity; Culture; Piriguite.*

1 Introdução

Neste trabalho, observamos as tatuagens como parte do processo de construção da identidade em indivíduos pertencentes a tribos urbanas contemporâneas, mais especificamente as piriguetes, na cidade de Recife, devido à crescente popularização da mesma, até se consolidarem como uma tribo urbana e transformando-se em tendência para a moda.

A constituição dos contextos urbanos contemporâneos, com seus respectivos conjuntos imagéticos, define, de maneira clara, o problema central da nossa pesquisa: como e em que medida intervenções no corpo, especificamente tatuagens, se valem de significância no processo de agrupamento e ao mesmo tempo de individualização do sujeito em tribos urbanas.

Esta pesquisa pretende investigar, identificar e estabelecer o uso das tatuagens em piriguetes como elemento de agrupamento e individualização.

¹ Pós-Doutora em Design de Moda, pela Universidade da Beira-Interior, Portugal. Doutora em Design e Mestre em Educação pela UFPE e graduação em Comunicação Social pela mesma instituição. Professora adjunta, do Departamento de Design e no PPG em Design e Ergonomia da UFPE, na linha de Design, Tecnologia e Cultura.

E, como objetivos específicos, descrever, através da investigação de sujeitos e de suas tatuagens, comportamentos de integrantes das tribos urbanas; observar que tipos de tatuagens os sujeitos de tribos urbanas costumam utilizar; e refletir sobre a importância dessas tatuagens como elementos de identificação dos sujeitos com a própria tribo.

A pesquisa se utiliza de uma investigação bibliográfica, onde realizamos um mapeamento do uso da tatuagem em diferentes grupos sociais e chegamos às piriguetes, grupo nascido nos subúrbios de grandes cidades do Brasil (NASCIMENTO, 2008, p.02) e, uma análise imagética, onde utilizamos registros fotográficos de tatuagens nas piriguetes como corpus para nossas análises.

Optamos por desenvolver um modelo próprio de análise, baseado nas propostas de Bomfim (2001), Joly (1996), Dondis (1991) e Goldsmith (1987).

Selecionamos para a nossa investigação, um conjunto de sujeitos que pertencem ao grupo de piriguetes e realizamos entrevistas com cada um desses sujeitos. Em seguida, analisamos cada uma das tatuagens desses sujeitos, observando-as sob a ótica do Design para buscar similaridades e diferenças, tanto no nível sintático quanto semântico e pragmático.

2 A tatuagem como marca de pertencimento

O corpo humano é o primeiro território no qual nos percebemos. É natural que tenhamos o ímpeto de dominá-lo e atuarmos sobre ele. Nossa primeira casa, desejamos arrumá-la e deixá-la com nossa marca. Porém, este aparente direito nem sempre nos é permitido. É comum em algumas sociedades encontrarmos restrições ao poder do indivíduo sobre seu próprio corpo. No decorrer da história, tivemos o corpo, ora como espaço para que se pudesse expressar livremente, ora para oprimir e humilhar determinados grupos sociais. Como ritual de passagem, embelezamento, proteção. Corpos tatuados, escarificados e perfurados são vistos nos mais antigos registros da humanidade e, até hoje, causam reações as mais diversas em pessoas de todas as idades (LE BRETON, 2004, p. 22).

Além de marcas que agregam ou protestam as tatuagens são também usadas, juntamente com outras intervenções no corpo, como palco para artistas expressarem sua arte. O que antes era escondido ou restrito aos nativos das tribos, agora é visto como beleza ou forma de expressão e identidade. A tatuagem, no contexto contemporâneo, agrega simpatizantes de um grupo através de seus

símbolos. No final do século XX, vários jovens se agrupam nos mais diversos grupos sociais: geek, emo, hipster, funkeiro, patricinha, clubber, gótico etc. Sempre buscando pertencimento através de uma identidade comum compartilhada muitas vezes, pela tatuagem. Dentro desse contexto, surge, no interior da Bahia, um grupo chamado piriguete (ou periguete).

3 A piriguete

Piriguete é uma expressão pejorativa para designar as mulheres que têm um comportamento sexual mais próximo à prostituta (NASCIMENTO, 2008, p. 03), aquela mulher com atributos sedutores que parece estar sempre “a perigo” e que troca de parceiro exaustivamente, não se dá à vida doméstica e não foi feita para casar. Alguns dizem que o termo surge da situação de estarem “a perigo”, outra hipótese vem da expressão *pretty girl* (SOARES, 2012, p. 59), que ao se falar com o sotaque nordestino o som ficaria próximo ao termo atual. Inicialmente o termo foi amplamente utilizado em letras de pagodes baianos para designar as mulheres que seguiam esse gênero musical. A partir daí, todo o movimento de construção desse estereótipo foi expandindo e, hoje, designam-se piriguetes todas as garotas que andam em grupos e fazem uso do corpo como expressão evidente de sua sexualidade, expondo, através da indumentária (roupas, acessórios etc.), comportamento e dos gestos o seu poder de sedução. O que antes era tido como uma ofensa, hoje, retrata uma tribo urbana em evidência, que extrapola níveis econômico e social sendo motivo de orgulho ser reconhecida e nomeada em público. O fator telenovela, facilitou a popularização e aceitação dessa tribo na população como um todo. Além da cantora Ivete Sangalo, em sua apresentação no Festival de Verão de Salvador em 2006, ter se intitulado “Vevete Piriguete” ou “Piriguete Sangalo” (SOARES, 2012, p.59).

Além dos atributos físicos, a indumentária da piriguete é bem definida, assim como seu comportamento, características necessárias para se constituir como uma tribo urbana. Roupas literalmente coladas ao corpo (com fita adesiva, quando se faz necessário), shorts curtos, cropped, bandagens, vestidos tomara que caia. Assim é a “piriguete wear”, que cada vez mais sai do subúrbio e ganha adeptas em classes sociais mais altas, com grifes como Dolce & Gabbana, Gloria Coelho, Roberto Cavalli, como podemos ver no editorial produzido pela jornalista e crítica de moda Lilian Pacce, com peças que custam mais de R\$ 7.500,00. Os acessórios também

são característicos nesse grupo: sempre muito chamativos, brincos grandes, cintos, pulseiras e sapatos de salto muito alto. Porém, temos na tatuagem uma das principais características desta tribo urbana. O grupo de pagofunk Black Style, enfatiza em sua música “Atoladinha”, que é pela tatuagem que se conhece a piriguete. Além do pagode, hoje, diversos outros segmentos de música, como é o caso do axé, são responsáveis pela divulgação das piriguetes. Na música “*Arrocha Piriguete*”, do Trio Huanna: “o seu corpo tatuado vai dizendo o que ela é”. No forró, temos o Musical Beira Rio (SP), em “Calcinha da Piriguete”: “quando mostra a tatuagem, gaiteiro toca noite e dia”. Essa ênfase na tatuagem é facilmente percebida quando analisamos a composição das personagens piriguetes de novelas, todas possuem, pelo menos, uma tatuagem. Em show no Rio de Janeiro, em 2012, a cantora Madonna, tatuou em suas costas a palavra “PERIGUETE”, o que, além de publicizar ainda mais a tribo, mostra uma visão apurada de mercado por parte da equipe da *pop star*.

Assim como a indumentária, as tatuagens das piriguetes seguem um mesmo padrão. Temas como: frutas, estrelas, fadinhas (sininho/ thinker bell), bichinhos, tatuagens tribais, frases bíblicas ou de impacto, nomes (sempre em letras caligráficas) entre outras. Em alguns sites de humor encontramos afirmações que reforçam o que acabamos de afirmar: “tatuagem de pimenta na virilha é selo de identificação de piriguete”, ou “piriguete sem tatuagem no ombro é como carro de pobre sem adesivo de time.”

É importante ressaltar que essas marcas estão num jogo de esconde/revela, muitas vezes sendo necessário uma roupa mais curta ou, até mesmo, que se dispa para que a tatuagem fique à mostra. De maneira geral, são figuras, aparentemente, inocentes/meigas. A sensualidade atribuída às tatuagens das piriguetes está vinculada ao local do corpo onde está localizada. Por exemplo, cóccix, virilha e nádega. Nesse contexto, a construção e desconstrução de identidade dos sujeitos que participam desse grupo chama nossa atenção e norteia nosso trabalho.

4 Identidade e Pertencimento: tribos urbanas x hiperindividualismo

Nosso foco, dentro desta pesquisa é a construção de identidade na coletividade, através das tatuagens. Para tanto, confrontamos dois autores que apontam para posições antagônicas: Maffesoli, que defende uma aparente perda de identidade por sujeitos que pertencem a grupos sociais contemporâneos, as tribos

urbanas e Lipovetsky, que enfatiza o individualismo e propõe que este se sobressai em qualquer situação de grupo.

4.1 Maffesoli e as tribos urbanas

Para o autor, vivemos numa sociedade que se encontra em um período que sucede a modernidade. Onde não se tem mais o mito do herói, volta-se às raízes, ao arcaico. Enfraquece a estrutura patriarcal e vertical e inicia-se o fraterno e horizontal (MAFFESOLI, 2006, p.46). Busca-se uma dimensão comunitária, pois o indivíduo e a lógica da identidade estão saturados. O pós-moderno inaugura uma nova forma de organização da sociedade, denominada neotribalismo. A nova ordem que se instala na pós-modernidade muda as estruturas organizacionais: família, igreja, universidade encontram-se saturadas (MAFFESOLI, 2012). Assumem-se máscaras para os diversos papéis que são assumidos nos micro conjuntos comunitários dos quais os jovens passam a fazer parte. Essa pertença vai se dar por afinidade eletiva. É o afeto que se torna o vetor para a entrada nessas tribos. Afeto que se forma a partir da identificação com os feitos de um conjunto de pessoas e não mais pelo “ato heróico” de alguns. É estar dentro de um contexto onde se compartilham modas: linguagens, vestimenta, moda corporal, sexual. Segundo o autor, é uma “contaminação, um vírus”. Partilham uma mesma estética: cabelos coloridos, roupas rasgadas, uma tatuagem original, roupas rasgadas, assim como os comportamentos, emoções sexuais e esportes. Abandona-se o Eu particular em função da identidade do grupo. Cria-se uma “máscara” que é incorporada e que traça o perfil dos membros de cada tribo. Posturas, atitudes, gírias, acessórios, roupas, tatuagens, piercings, escarificações, cirurgias plásticas, modificações no corpo, entre outros signos, constituem essa “máscara” que, segundo Maffesoli, gera uma “des-individualização” do sujeito em favor da incorporação da identidade grupal. É importante ressaltar que, para Maffesoli, esses laços nascem da falta de perspectiva de futuro em que se encontram os jovens dos grandes centros urbanos, que se unem em busca de um ideal comunitário e não mais individual, buscando, através da coletividade uma forma de protestar contra a racionalização e a assepsia das sociedades contemporâneas (MAFFESOLI, 2012).

Embora possamos classificar as novas tribos urbanas como duráveis, elas possuem um caráter rotativo, ou seja, ao fazer parte de determinada tribo, o indivíduo pode, se desejar, abandoná-la, migrar para uma outra tribo, ou

simplesmente retirar a máscara incorporada e voltar a ser ele mesmo ou fazer parte de uma nova tribo, bastando para isso trocar de roupa ou fazer uma nova tatuagem.

4.2 Lipovetsky e a hiperindividualização do sujeito

Lipovetsky ao falar em uma hipermodernidade, traz em suas discussões a ideia do superlativo que se instalou nas sociedades após a radicalização dos princípios da modernidade por volta das décadas de 1960 e 1970 (LIPOVETSKY, 1989, p. 182). Não se tinha mais a crença nas grandes perspectivas históricas (nacionalismo, luta de classes, revolução), nem no futuro. O hedonismo, a busca pelo prazer, o consumo, a liberação sexual, são reflexos de uma sociedade que não se preocupa mais com o outro. Paradoxalmente, a esse estado de individualismo em que não se tem interesse pelo outro, há um crescente desejo em se comunicar, de ser cordial e de compreender o outro, uma psicologização das relações que reestrutura os vínculos interindividuais. Ou seja, não se tem o fim dos grupos, mas uma nova consciência de que cada um é responsável por si. Ao contrário do que se diz, quando se fala das neotribos, não há, de forma alguma, esgotamento do individualismo, mas disseminação em espiral de sua dinâmica. A hipermodernidade possibilita uma maior expressão individual, com opiniões e manifestações que podem estar relacionadas ao comportamento, ao vestir, ao ser.

A união dessa cultura do corpo, desse individualismo exacerbado, a busca pela compreensão do outro, impulsionou o homem atual a perseguir um ideal de beleza. Casos extremos dessa busca pelo corpo ideal aparecem em modificações no corpo, tatuagens e próteses de silicone em várias partes do corpo, exemplo disso, são as figuras do “Ken” real e da “Barbie” real, onde jovens moldam seus corpos através de diversas intervenções até se aproximarem fisicamente dos bonecos da Mattel. Estamos diante de uma revolução na representação das pessoas e no sentimento de si. Surgem novos valores e vontades, diferentes dos tradicionais e exalta-se a unicidade dos seres e seu complemento, a promoção social dos signos da diferença social. É comum nos depararmos com rostos completamente modificados em sua estrutura (através de implantes e cirurgias plásticas), peles tatuadas, escarificadas e piercings dos mais variados. É através da modificação de seu corpo que o homem manifesta seu estilo de vida, sua crença e sua posição diante de seus semelhantes. Com a hipermodernidade, colocada por Lipovetisky, o desejo de tornar evidente essa unicidade, transforma-se e vai além, o

corpo torna-se um espaço para edição do sujeito. Nele se constroem as identidades que serão assumidas.

A aparente dicotomia entre as verdades defendidas pelos dois autores nos leva à construção de nossa hipótese onde defendemos não existir de fato uma dicotomia, mas sim uma complementariedade entre as duas abordagens. Ambos os autores observam a formação de identidades em grupos sociais urbanos, no entanto, a partir de perspectivas diferentes que os impõe modelos de análise que vão dar conta de partes distintas do mesmo fenômeno.

No intuito de encontrar um modelo de análise que nos permita observar este fenômeno sobre outra perspectiva, apresentaremos no próximo capítulo modelos de análise que focam na relação sujeito e objeto, trazendo o Design, e, mais especificamente a Linguagem Visual como base para uma análise da Tatuagem, enquanto elemento marcante das tribos sociais.

5 Olhares sobre a Imagem

Para construirmos nosso modelo de análise, trouxemos o Design, mais especificamente a Linguagem Visual, enquanto lente alternativa para observarmos o fenômeno da construção de identidades em indivíduos que pertencem a tribos urbanas contemporâneas. A opção pelo Design se justifica por o entendermos, como proposto por Burdek (2005), Jones (1991, 1992) ou Lobach (2001), que apontam a relação entre sujeitos e objetos como o cerne da atividade. De forma mais direta, Bomfim aponta que o foco da atividade de Design está intimamente ligado à relação entre sujeitos e objetos (BOMFIM, 2001, p. 11). Para ele, os objetos são elementos a serem utilizados por sujeitos, independente de suas características particulares, são instrumentos que permitem a formação de uma identidade, através de seu uso pelos sujeitos em seus relacionamentos com outros indivíduos e com seu contexto. Ainda segundo Bomfim, objetos físicos ou sistemas de informação são unidades que se constituem de forma e conteúdo, sendo a forma aquilo que se percebe no próprio objeto, sua configuração, e, conteúdo aquilo que se constrói na relação com o sujeito. Observando então essa relação de construção de conteúdos que se dá na relação entre sujeitos e objetos, Bomfim propõe quatro níveis de análise deste processo de “utilização”: [1] análise objetiva, quando a forma inerente ao objeto predomina e o sujeito pode ser indeterminado. Por exemplo quando analisamos componentes mecânicos de uma máquina; [2] análise bio-fisiológica, quando

características biomecânicas do sujeito se sobrepõem ao objeto e analisamos, por exemplo, o dimensionamento de uma cadeira em relação ao sujeito que a irá utilizar; [3] análise psicológica, quando observamos características relacionadas à subjetividade, tais como intencionalidade; por exemplo ao se analisar as razões pessoais de uma escolha cromática, e, [4] análise sociológica, quando a significação se sobressai na relação entre o sujeito e o objeto, por exemplo, ao se analisar codificação de cores em um sistema de informação.

Nesse sentido, identificamos nas investigações do Design uma possibilidade de alternativa às abordagens trazidas por Maffesoli e Lipovetsky quando tratam da formação de identidades em indivíduos que participam de tribos urbanas, focadas essencialmente nos sujeitos. Assim, levantamos os principais modelos de análise do Design que tratam especificamente da imagem como objeto, e, encontramos propostas de quatro autores que trazem a relação entre sujeitos e objetos, mas especificamente imagens, como seus focos centrais de estudo.

5.1 Modelos de análise da imagem

Tomamos como base os modelos de análise da imagem propostos por Jacques Aumont, Martine Joly, Donis A. Dondis e Evelyn Goldsmith, esses autores estão presentes nas referências bibliográficas de centenas de publicações nos eventos e periódicos ligados ao tema.

Percebemos que a proposta de Amount está muito mais para uma classificação das imagens do que uma análise propriamente dita da mesma. Ao comparar com a proposta de Bomfim para análises do Design, este modelo observa questões da relação sujeito e objeto ao considerar outros aspectos dessa relação, tais como a sensação estética. Portanto, não nos parece adequada para uma análise de fato da imagem, pois apresenta muito mais um conjunto de caixas onde imagens devem ser categorizadas e, portanto, sujeitas a incompletudes e inadequações como acontece com tentativas de agrupamentos dos mais diversos. Corremos sempre o risco de nos depararmos com um ornitorrinco, como se refere Eco ao falar dos métodos de classificação.

A proposta de Dondis traz referências indiretas aos princípios da semiótica peirciana quando coloca um primeiro nível mais relacionado aos elementos físicos em si, um segundo nível mais relacionado ao valor atribuído à mensagem visual e, um terceiro nível fazendo referência à interpretação abstrata da mensagem. Este

modelo se aproxima do modelo que analisaremos a seguir, proposto por Martine Joly que traz de forma mais direta essa relação com a semiótica peirciana. Comparando o modelo de Dondis com a proposta de análise do Design de Bomfim, verificamos que este modelo já inclui outras camadas da proposta de Bomfim, focando não apenas no objeto, mas também em aspectos simbólicos, quando analisa os códigos presentes na imagem, e, subjetivos, quando observa sensações do sujeito ao se relacionar com a imagem.

Tomando como base o potencial de mensagem da imagem, Joly propõe uma análise da mesma a partir de três classe de elementos: [1] elementos plásticos, tais como cor, textura, composição; [2] elementos icônicos, aquilo que a imagem representa; e, [3] elementos linguísticos, mensagem em si que a imagem transmite.

Assim, usando como exemplo um quadro de Picasso, pintado em 1909, intitulado *Usine à Horta de Ebro*, a autora aponta que, em primeiro momento, observamos cubos e cilindros amontoados em uma falsa perspectiva com cores aplicadas de maneira uniforme em uma variação de tons quentes como ocre, ferrugem, marrom, revelando uma textura de rugas da tela, seu relevo.

Como se pode perceber o Modelo de Joly traz uma abordagem estruturalista que tende a simplificar a análise da imagem. Esta redução do modelo, apesar de restritiva, acaba por permitir uma observação da relação entre sujeito e objeto sob as perspectivas objetiva, psicológica e sociológica como propõe Bomfim.

No entanto, sentimos falta no modelo de Joly de informações vindas de diferentes sujeitos que interagem com a imagem. De uma maneira geral, o modelo de análise deixa uma carga excessiva para inferência do avaliador. Esse fato pode ser percebido quando a autora afirma que a imagem de Picasso transmite uma “impressão de sufocamento” sem citar nenhum comentário de outros sujeitos em relação ao objeto, a não ser sua própria interpretação.

O Modelo de Goldsmith traz uma análise mais complexa que os demais modelos analisados ao cruzar dados em duas dimensões e atende ao seu propósito específico, explicitar o processo de compreensão da mensagem visual.

Apesar de tratar-se de uma análise focada no aspecto quantitativo, o modelo de Goldsmith também leva em conta aspectos da relação sujeito e objeto nas mesmas camadas do modelo de Joly, quando comparado à proposta de Bomfim.

5.2 Análise Visual da Tatuagem

Dentre os quatro modelos apresentados, o modelo de Amount nos pareceu o mais distante de nossa abordagem, por estar voltado a uma classificação das imagens e não a uma análise propriamente dita. Assim, descartamos o modelo de Amount e buscamos identificar as divergências e similaridades dos outros três modelos apresentados para apontar pontos de ajuste e completude necessários para a construção de um modelo que pudesse dar conta de nossos propósitos de pesquisa.

Para dar conta das similaridades e divergências, comparamos pontos que consideramos essenciais na definição do modelo de análise e descrevemos como cada modelo se comporta em relação a cada um desses pontos.

A partir dos modelos de análise visual observados, construímos um macro modelo que os compara com o modelo de Design proposto por Bomfim e identificamos, nos três casos a presença de análises tanto objetivas, quanto psicológica e sociológica. No entanto, a análise bio-fisiológica não aparece em nenhum dos casos, deixando, aqui, ainda uma lacuna na perspectiva integradora do Design.

5.2.1 Modelo para análise das tatuagens

Tomando como base os modelos de Joly, Dondis e Goldsmith e acrescentando a análise bio-fisiológica como proposto por Bomfim, construímos um modelo próprio para a análise das tatuagens em pessoas que pertencem a tribos urbanas com foco em investigar como se dá a construção de identidades nesses indivíduos, a partir da perspectiva de observação da relação sujeito e objeto, e, traz como base para estruturar a análise os níveis de observação propostos por Bomfim: [1] nível objetivo, onde propomos que se observem elementos visuais básicos, como propõem Joly e Dondis. Além da lista dos elementos a serem observados como fazem as duas autoras, optamos por apontar possíveis estados para cada um deles. Os elementos e seus estados foram definidos a partir de uma leitura inicial de tatuagens que realizamos durante a fase de observação do fenômeno em si; [2] nível bio-fisiológico, onde propomos que se observe a relação entre o posicionamento da tatuagem no corpo dos sujeitos, se está numa região sexualmente provocativa (sensual), ou não provocativa (banal). Entendemos que esse posicionamento traz embutido uma postura mais ou menos provocativa do ponto de vista da sexualidade, e, portanto relevante para a nossa investigação por

tratar-se de uma marca fundamental da tribo das piriguetes; [3] nível sociológico, onde propomos, também como Joly e Dondis, observarmos essencialmente aquilo que a imagem pretende representar. No entanto, entendemos ser importante, para a nossa análise, definir tanto as referências diretas, por similaridade ao objeto, que a tatuagem pretende representar (aspecto icônico) quanto indiretas, por atribuição sociocultural (aspecto simbólico); e, [4] nível psicológico, onde investigamos a intenção do sujeito ao tatuar determinada imagem em seu corpo. Para isso, propomos entrevistas onde perguntamos ao sujeito tatuado, o que cada tatuagem significa para a pessoa e o que a torna especial, em busca de inferir a intenção do indivíduo com a tatuagem.

5.2.2 Análise Experimental

Nosso experimento começa por selecionar quinze sujeitos que pertencem ao grupo de piriguetes, escolhidos a partir de visitas realizadas a ambientes onde indivíduos dessa tribo costumam frequentar. Com o grupo selecionado, realizamos a análise de suas tatuagens com base no modelo que desenvolvemos.

5.2.3 Análise objetiva das tatuagens

Dividimos nossa análise objetiva a partir de quatro elementos visuais básicos: forma, fontes, pictogramas e cores, encontrados em cada tatuagem estudada. Cada elemento visual possuindo estados que o caracterizam, tais como: orgânico / geométrico, caligráfico / tipográfico, religioso / natureza, monocromático / policromático.

Como forma principal das tatuagens analisadas no grupo, temos a orgânica com vinte e uma ocorrências, contra apenas três geométricas.

Um outro elemento visual significativo em nossa análise é a fonte. Dentre as tatuagens estudadas, um terço (oito) continham frases ou palavras, todas gravadas na pele com fontes caligráficas.

O aspecto natureza, sobressai-se ao religioso quanto aos pictogramas presentes nas tatuagens. Foram dezessete com motivos da natureza (folhas, flores, frutas, estrelas e, apenas duas religiosas (um rosário e um anjo)

Por último, em nossa análise objetiva, destacamos a cor como elemento visual básico de destaque. Dividimos entre monocromáticas e policromáticas. Nesse aspecto, encontramos um equilíbrio entre os dois estados, com treze tatuagens monocromáticas e onze policromáticas.

Do ponto de vista bio-fisiológico, nosso modelo propõe que se observe a posição no corpo das tatuagens dos sujeitos para avaliar se estas encontram-se em um local considerado sensual pelo sujeito.

Nesse sentido, perguntamos inicialmente aos sujeitos se consideravam que suas tatuagens estavam localizadas em regiões sensuais do corpo. De acordo com as respostas obtidas, dez sujeitos possuem tatuagens em locais considerados sensuais (pescoço, peito, costelas, cintura, virilha, cóccix, pernas e pé).

Registramos algumas dessas tatuagens como base para exemplificar situações onde a mesma encontra-se em local sensual.

Achamos importante anotar que algumas tatuagens também localizadas em regiões sensuais não foram fotografadas pois os sujeitos não autorizaram o registro.

5.2.4 Análise sociológica das tatuagens

Ao partimos para a análise sociológica das tatuagens de nossa pesquisa, observamos um padrão de similaridade entre elas, tanto diretamente (aspecto icônico), como indiretamente (aspecto simbólico).

Assim, temos, por exemplo, cinco tatuagens que fazem referência icônica à flores que fazem referência simbólica à beleza, sensibilidade, feminilidade.

Outra referência icônica que se destacou foram as borboletas, num total de três, sempre tendo como simbologia a transformação e a liberdade.

Ícones ligados à religião também foram observados em duas delas: um anjo e um terço com a imagem de Nossa Senhora no centro. Ambos, porém, representam simbolicamente proteção e pureza.

Os pássaros estão em duas tatuagens que simbolizam a amizade e a liberdade.

Encontramos, ainda, com duas ocorrências, a estrela simbolizando a sensualidade

Apesar de termos apenas um registro icônico de fruta, essa categoria foi mencionada mais duas vezes, totalizando três tatuagens. As que não constam nos anexos é porquê encontram-se em locais íntimos e como as entrevistas foram feitas em ambientes públicos, como bares e shows, não foi possível o registro fotográfico. Todas elas com grande carga simbólica de sensualidade e sexualidade.

Em nossa análise sociológica, também encontramos uma boa parte que não apresentam registro icônico. São as tatuagens caligráficas, com nomes, palavras ou frases, que fazem referência ao amor, proteção, liberdade ou alguém em especial

5.2.5 Análise psicológica das tatuagens

Ao investigarmos as intenções que os sujeitos têm ao fazerem suas tatuagens, em nossa análise psicológica, notamos uma singularização das intenções por parte dos indivíduos. Nesse sentido, observamos que para cada marca gravada no corpo, é atribuída uma intenção diferente, mesmo em relação àquelas que possuem referência icônica similar (borboletas, flores etc)

No caso específico das borboletas, encontramos nas falas dos sujeitos diferentes intenções, por exemplo, para uma pessoa que possui a tatuagem, a borboleta representa a transformação que a maternidade proporcionou. Já para outra entrevistada, a borboleta é um símbolo que ela desejava desde a adolescência, que representa a liberdade.

Para as do grupo das flores, as intenções também foram diversas: enquanto para uma era uma homenagem à mãe, uma outra entrevistada fez com o propósito de ficar mais bonita.

Para as tatuagens caligráficas diversas intenções foram atribuídas, como por exemplo, na inscrição “love” demonstra o amor à família; em, “livrai-me do mal, amém” a pessoa sente-se protegida com a tatuagem.

Ao final do experimento, podemos perceber que a abordagem baseada no Design trouxe à tona nossa hipótese de que as propostas de Maffesoli e Lipovetsky a respeito da formação de identidade em indivíduos que pertencem às tribos urbanas contemporâneas não são divergentes, mas complementares.

6. Conclusões

Consideramos que o trabalho traz uma contribuição direta para a formação acadêmica de conhecimento a respeito do fenômeno que investigamos, a construção de identidade em sujeitos pertencentes a tribos urbanas, ao propor uma abordagem alternativa ao que vinha sendo adotado para tratar deste tema. Entendemos que a perspectiva do Design, mais especificamente da Linguagem Visual, focada na relação entre sujeito e objeto aponta para um caminho importante na observação de fenômenos sociais como o que tratamos no nosso projeto.

Outra contribuição direta deste trabalho, o modelo de análise das tatuagens construído a partir das propostas de Bomfim, Joly, Dondis e Goldsmith abre possibilidades de novas investigações semelhantes a que conduzimos.

E, finalmente, mais não menos relevante, o experimento em si realizado e seus resultados que comprovam a hipótese levantada, desmistificando, pelo menos no contexto do nosso trabalho, uma falsa dicotomia entre as posições defendidas por dois dos autores mais relevantes da academia sobre o tema central de nossa pesquisa.

7 Referências

- AMOUNT, Jacques. A Imagem. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- ARAÚJO, Leusa. Tatuagem, piercings e outras mensagens do corpo. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BOMFIM, Gustavo A. Notas de aula sobre Design e Estética. Puc – Rio Editora, 2001.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.
- GOLDSMITH, Evelyn. The Analysis of Illustration in Theory and Practice. H.A. Houghton et al. (eds)., The Psychology of Illustration. Springer-Verlag New York, 1987.
- JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Tradução Marina Appenzeller, revisão técnica Rolf de Luna Fonseca. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- LE BRETON, DAVID. Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosostis, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. Seminário “Comunicação pós-moderna: o retorno do arcaico: tribalismo, nomadismo, hedonismo e imaginário de luxo”, promovido pelo PPGCOM-FAMECOS PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, novembro de 2012
- NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. “Piriguetes e Putões: representações de gênero nas letras de pagode baiano”. In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

SOARES, Thiago. Conveniências performáticas num show de brega no Recife: Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriquetes e cafuços - 2012 LOGOS 36 Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens. Vol.19, No 01, 1o semestre 2012 p 55 à 67